

**EDUCAÇÃO NAS LADAINHAS: MEMÓRIA, TRADIÇÃO E
ESQUECIMENTO NA FESTIVIDADE DO GLORIOSO ESPÍRITO SANTO EM
BREVES-PA**

Paula Fernanda Pinheiro Souza¹

Resumo: O texto tem como propósito analisar de que maneira as categorias memória, tradição e esquecimento se configuram na Festividade do Glorioso Espírito Santo realizada em Breves-Pará. A pesquisa tem seu enfoque ancorado no que tem sido proposto pela História Cultural, na qual a história “vista de baixo”, como propõe Burke (1992), ganha o espaço até então negado pela história oficial, isto é, as vozes de sujeitos comuns, até então silenciadas, passam a serem consideradas também como fontes para se contar a história. A análise baseia-se na abordagem qualitativa, na qual utilizou-se de uma pesquisa etnográfica, sob a metodologia da História Oral, tendo como instrumentos de investigação entrevistas semiestruturadas e a observação participante em campo. Com base em Zumthor (1997), Halbwachs (2004), Le Goff (1992) Bosi (1994) e Brandão (2007, 2009, 2010) ressalto que a memória e o esquecimento são uma das principais formas de manutenção desta festividade que se configura como uma expressão de um catolicismo de tradição popular que permanece vivo por meio da fé e devoção de uma pequena comunidade de devotos e promesseiros, sobretudo, por meio das lembranças de duas senhoras, que navegam em suas memórias de outrora - ora individuais, ora coletivas - e as mantêm vivas e atualizadas.

Palavras-chave: Memória. Tradição. Esquecimento.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está pautado em uma concepção abrangente de educação. Isto é, uma educação que não está apenas centralizada em ambientes escolares, mas nos mais diversos contextos, nos quais é possível haver troca de saberes.

Brandão (2007a) comenta que ninguém escapa a educação, ele a compreende como sendo um processo vivenciado constantemente por todos seres humanos. Afinal, “em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2007a, p. 7).

Nesta perspectiva, destaca-se o contexto religioso de uma festividade ocorrida em Breves - Pará, no qual muitos saberes circulam. A festividade ocorre em um barracão localizado no quintal das casas de duas irmãs, Enilda Maria dos Santos Pereira e Élide Maria

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: pinheipaula178@gmail.com.

dos Santos Pereira, filhas do casal responsável pelo início da festa na cidade de Breves e atualmente organizadoras da mesma.

O barracão, bem como a casa das irmãs, fica localizado no bairro Aeroporto. A festividade ocorre há 63 anos no município e se originou de uma promessa, na qual Dona Sebastiana Carneiro dos Santos e o Senhor Crescenciano da Cruz Pereira, conhecidos na cidade, popularmente, como Dona Sabá e Seu Crescêncio, conseguiram a graça do restabelecimento da saúde da filha Enilda que se encontrava enferma. Dona Élide explica sobre a promessa que originou a festividade:

Ai quando a minha irmã nasceu ela teve um problema, a mamãe fez a promessa né, e a mamãe morreu e ela tá continuando, não sei se quando ela morrer vai ter alguém pra dar continuidade, né (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Mesmo após o falecimento dos fundadores da festa a tradição ainda permaneceu, e todos os anos a festividade acontece. Isto porque as duas irmãs decidiram continuar a realizar a festa, já que a mesma havia se tornado uma tradição para a comunidade. Além delas a comunidade também contribuiu para a sustentação da festividade, pois muitas outras promessas foram feitas em cima da primeira.

O primeiro contato que tive com algo relacionado a festividade do Espírito Santo foi por meio de um convite distribuído pela organização da festividade em alguns locais da cidade, como o centro dos idosos e igreja de Santa Rita (que fica localizada no mesmo bairro onde ocorre a festividade), no qual entre muitas informações tinha-se o histórico da festa que teve seu início em 1955, por meio de uma promessa feita feita por Dona Sebastiana Carneiro dos Santos e o Senhor Crescenciano da Cruz Pereira, ambos já falecidos. A promessa dizia o seguinte: que enquanto vida tivessem fariam a festividade do espírito Santo, pela saúde de um filho que se encontrava-se enfermo.

Tendo em vista o motivo da origem da festividade e o fato de a mesma não possuir relações com nenhuma Paróquia da cidade, compreende-se que a mesma se caracteriza por ser oriunda de um catolicismo popular. Para Boof:

Popular é aquilo que não é oficial nem pertence às elites que detém a gestão do Católico. Catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial romana, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes, exatamente aqueles populares, Por isso ele não deve ser encarado necessariamente como um desvio em relação ao catolicismo oficial. Constitui um diferente sistema de tradução do Cristianismo dentro de condições concretas da vida humana (BRANDÃO, 2009, p. 25 apud BOOF).

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Dessa maneira, compreende-se que o catolicismo popular é uma das faces do catolicismo, que não está ligado a uma elite, mas sim a uma vivência que é do povo comum, ou seja, é vivido em comunidades que em suas práticas não possuem uma subordinação direta com a igreja católica oficial; apesar de se pautarem em muitos aspectos desta.

Por meio das entrevistas realizadas com as organizadoras da festividade e das observações feitas durante os cinco dias de realização da mesma, do dia 23 ao dia 27 de maio de 2018, compreendi que se tratava de uma celebração a luz do catolicismo popular. Isso porque todos os rituais são conduzidos por pessoas comuns, ou seja, e em nenhum momento, da organização a execução, há a presença da igreja católica oficial. Na foto a seguir, da última ladainha da festividade, pode-se verificar como se dá a organização da celebração, na qual não há padre, mas a presença das senhoras devotas e organizadoras da festividade na primeira fileira em frente a imagem do Espírito Santo.



Foto 1 - Ladainha do último dia da festividade
Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Assim, investiga-se como configuram-se na festividade as categorias: memória, tradição e esquecimento, destacando entre os rituais presentes na festa a ladainha e o saber poético, manifestado por meio da performance da ladainha cantada.

A pesquisa tem seu enfoque ancorado no que tem sido proposto pela História Cultural, na qual a história “vista de baixo”, como propõe Burke (1992), ganha o espaço até então negado pela história oficial, isto é, as vozes de sujeitos comuns, até então silenciadas, passam a serem consideradas também como fontes para se contar a história. Caracteriza-se por ser uma pesquisa etnográfica, sob a metodologia da História Oral, tendo como

instrumentos de investigação entrevistas semiestruturadas e a observação participante em campo.

De acordo com André (1997) a etnografia é um tipo de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos, visando estudar a cultura e a sociedade. Nesse sentido, foco dos etnógrafos é a descrição da cultura, ou seja, das práticas, dos hábitos, das crenças, valores, linguagens e significados de um grupo social.

A história oral enquanto metodologia de pesquisa “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2014, p. 155). Utilizou-se como instrumentos de investigação entrevistas semiestruturadas e a observação não-participante.

“Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411). Neste sentido, as narradoras desta pesquisa, por meio de entrevistas, foram as duas irmãs que organizam a festividade desde que os fundadores da festividade, os seus pais, encontravam-se debilitados de saúde. As entrevistas foram feitas individualmente, contudo, as memórias de cada uma delas vão se cruzando. Isto porque:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. [...]. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

Então, além das observações feitas nos dias da festividade, o presente texto será construído por meio das memórias das duas irmãs organizadoras da festividade, Dona Élide de 65 anos, e Dona Enilda de 63 anos. As lembranças das irmãs ora coincidem, com lembranças de momentos comuns rememorados, ora se complementam com memórias de momentos distintos. Assim, busca-se transformar as memórias individuais em memórias coletivas. Afinal “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1992, p. 476).

O artigo encontra-se dividido em três partes, sendo a primeira intitulada “Memória, tradição e esquecimento na festividade do Glorioso Espírito Santo”, na qual será realizada uma análise de como as categorias memória, tradição e esquecimento estão presentes na

festividade. Posteriormente, há a segunda parte, cujo título é “O saber poético na ladainha”, em que se destaca o ritual da ladainha afim de analisar a performance da mesma pelas rezadoras. Por fim, encerra-se com as considerações finais.

1. Memória, Tradição e Esquecimento na Festividade do Glorioso Espírito Santo

A Festividade do Glorioso Espírito Santo tem duração de cinco dias e no decorrer destes dias vários rituais religiosos são realizados. No primeiro dia há o levantamento do mastro as 18h; as 20h o início da novena e posteriormente a ladainha, ao final é servido o lanche para os presentes, e por fim, há a seresta. No segundo, terceiro e quarto dia a programação é a mesma, exceto pela o levantamento do mastro que ocorre somente no primeiro dia. Já quinto, e último dia, a programação tem início as 12 horas, com o “Almoço dos inocentes”, as 18h a derrubada do mastro, em seguida a procissão. Na chegada da procissão tem-se a ladainha e ao final a seresta.

Na festividade convivem, concomitantemente, o sagrado e o profano. Afinal, “são poucos os acontecimentos religiosos que não tenham uma face voltada para a vida mundana, que não tenham sua ressonância nos grupos leigos” (HALBWACHS, 2004, p. 120).

Na festa, há o momento religioso e há o momento da festa profana, na qual há muita música dançante e consumo de bebidas alcoólicas. Característica esta que já foi retirada das festividades organizadas pela igreja católica na cidade de Breves. A foto abaixo foi tirada após a ladainha, com a retirada do Espírito Santo iniciou a seresta, e abriu-se o bar, pode-se perceber ainda a presença de uma criança que estava indo embora com a sua avó.



Foto 2 - Seresta após a ladainha
Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Ao conviverem juntos sagrado e profano, não há estranhamento entre estes, a passagem de um para outro ocorre de maneira natural. Ao chegar no barracão nos dias da festividade, observei que antes de iniciar a novena e a ladainha as pessoas encontravam-se conversando ou dançando ao som de muita seresta. Quando o relógio marcava 20h dava-se início da parte religiosa, assim a música era retirada e a imagem do Espírito Santo entrava no salão do barracão.

Ao terminar o rito religioso com o momento do abraço da paz, a imagem do Glorioso Espírito Santo era levada novamente para o seu local fixo, a sala da casa da Dona Enilda a seresta iniciava, o bar abria para vendas, alguns presentes deixam o barracão, outros permaneciam ali, uns sentados, uns conversando, uns dançando, outros bebendo. Ao falar sobre esta característica da festa, Dona Enilda explica que:

Tem essa parte que muitas comunidades que pertencem a paróquia eles já proibiram, né. Nós ainda continuamos tentando manter essa tradição... a gente continua tentando manter essa tradição, a gente não quer entrar de encontro com ninguém, até porque nós somos católicos, graças a Deus, somos católicos mesmo (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Dessa forma, percebe-se a devoção e a resistência da comunidade quanto a presença das características populares na festa, já que mesmo com a proibição das paróquias quanto a parte profana das festas de santo na cidade a comunidade ainda a mantém viva, pelo fato de ser uma tradição. Dona Élide conta que uns anos atrás ocorreu uma proposta por parte da Igreja Católica em Breves, com objetivo de fazer da Festividade uma festa integrada com a instituição:

Eles queriam juntar... a gente não aceitou, sabe. Inclusive o padre ficou até meio assim... de banda, mas aí se a gente aceitasse ia tirar aquele folclore. E só resta, parece-me, que é aqui... deixa eu ver, tinha lá... do Espírito Santo também, lá no lado da Santa Cruz pra lá; não sei e eles ainda estão fazendo ou se eles acabaram também se juntando. [...] E tem que aparecer dinheiro, e nós não, nós não temos fins lucrativos, sabe. O dinheiro que a gente consegue, esse ano não deu nem pra gente pagar a música. O dinheiro que a gente consegue é pra pagar a música, pra pagar as pessoas que vem ajudar (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Dona Enilda explica que o fato de as mesmas não terem aceitado uma união com a paróquia se deu por conta da diferença que há entre a festa realizada por elas e as festas realizadas pela paróquia, destacou ainda a peculiaridade referente a origem da festividade:

É um ritmo totalmente diferente das festas de arraial da paróquia, aqui é uma promessa. Então, a gente deve seguir esse ritmo, se for pra gente mudar totalmente então é preferível a gente parar. É por isso que eu coloco no histórico que a gente vai fazer até quando for possível (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Tanto a Dona Enilda quanto a Dona Élide transbordam de orgulho pelas características populares da festividade que permanecem ao longo dos anos, como o fato de ter o lado profano e sagrado, de não haver fins lucrativos, tanto que não há vendas de comidas ao longo da festividade, todas as noites as comidas servidas são doações feitas pelos chamados noitários, pessoas responsáveis por doarem distribuírem as comidas após a ladainha, por devoção, tradição na família ou mesmo por promessa e graça alcançada.

As palavras tradição, folclore e costumes permeiam as falas das duas irmãs ao longo das entrevistas. Ao falarmos em tradição, comumente a confundimos com tradicionalismo, ou seja, com algo estanque. No entanto, uma concepção mais aprofundada desta foge a este conceito limitado.

Zumthor (1997, p. 19) mostra que em toda tradição há a função do esquecimento, e este “se manifesta, nessas tradições, a dois níveis que a ação memorial comporta, enquanto modalidade de conservação de dados e lugar de tensões criadoras”. Ou seja, em toda tradição há a permanência de certos aspectos, mas também há a criação e/ou a transformação de outros. Para que ocorra a conservação e o esquecimento é necessário que haja uma seleção. Para Zumthor:

A seleção drena, assim duplamente, o que ela criva. Ela desconecta, corta o contato imediato que temos com nossa história no momento que a vivemos. Contudo, também na multiplicidade do que seria urgente talvez registrar na memória coletiva, ela recupera ou determina o que, do vivido, foi, é, e tem chances de permanecer funcional (ZUMTHOR, 1997, p. 15).

Para o autor, a memória coletiva é a responsável por tal processo. Afinal, é ela quem “cria história, ata o liame social e, por conseguinte, confere sua continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura” (ZUMTHOR, 1997, p. 14).

É visível, por meio das entrevistas e das observações feitas nos dias da festividade como aquela comunidade lida com a tradição, com a seleção e com o esquecimento por meio das suas memórias. A própria data da festividade, que tradicionalmente ocorre em um determinado período, de acordo com o calendário religioso, já sofreu alterações por conta da festividade da Santa Rita que é da igreja situada no bairro Aeroporto. Ao ser questionada sobre a data da festividade, Dona Enilda explica que quando a mãe, Dona Sabá, era viva

algumas senhoras que frequentavam a festividade do Espírito Santo conversaram com a mãe dela para que mudasse a data da festa, para que os fiéis pudessem participar de ambas as festividades.

Assim, desde o acordo feito entre Dona Sabá e as senhoras que frequentavam ambas as festividades, mesmo tendo a data certa para que a festividade ocorra, se esta coincidir com a data da Festividade da Santa Rira, mês de maio, a organização da festa do Glorioso Espírito Santo se adapta e muda de data. Ou seja, a tradição se transformou em vista de um determinado motivo, que consiste na maneira de participação da comunidade em ambas as festividades.

A quantidade de dias também sofreu modificações no decorrer destes 63 anos. Dona Élide narra com nostalgia que nos primeiros anos a festividade tinha dez dias de duração. Naquela época, o local onde a festividade é realizada ficava muito afastado, de acordo com as irmãs, o bairro no qual moram era considerado uma zona rural da cidade de Breves. Então, muitas pessoas iam de longe para participar dos dez dias de festividade.

Como eram mais dias a programação também era maior, então, muitos elementos e rituais atualmente permaneceram, outros não se tem mais e alguns foram modificados. Dentre estes, destaca-se o morteiro, objeto no qual se coloca pólvora para dar tiros para o céu. Dona Enilda explica que o uso desse objeto consistia em um momento muito bonito, pois “todo mundo ouvia e já sabia que era o dia”, ou seja, o morteiro atirando cedo da manhã acordava a cidade e anunciava o início da festividade do Glorioso Espírito Santo:

Morteiro é uma coisa que eles fazem assim com um cano, com pólvora, é igual um tiro só que é um tiro muito forte, que tremia a terra. Ai todo mundo dizia “A festividade lá do Espírito Santo” ai ficava todo mundo de alerta né, de antena ligada. Hoje ainda eu escutei esse morteiro lá na comunidade do livramento, não é do mesmo jeito que era antes, mas eu escutei esse morteiro e tive essa lembrança. Então nós tínhamos muitos fogos, tinha alvorada; hoje a gente não pode, a gente só pode soltar uma pistolinha mesmo com muito cuidado, porque antes era só a nossa casa aqui, nós fomos os primeiros moradores daqui dessa área todinha, primeiríssimos, só mato (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Dona Enilda explica que atualmente não se inclui mais a tradição do morteiro, já que as casas são tão próximas umas das outras. Então, compreende-se como que se deu o processo de eliminação deste ritual na festividade, ocasionado pelo crescimento na cidade Breves. Visto que a cidade desenvolveu e o local onde ocorre a festa hoje encontra-se no meio da cidade e não mais afastado como nos primeiros anos da festividade. Portanto,

ocorreu um processo de esquecimento dentro da tradição; já que “nenhuma compreensão pode ser total, nenhuma interpretação faz sentido, a curto prazo, em virtude de sua própria natureza fragmentária” (ZUMTHOR, 1997, p. 13).

Outro ritual que sofreu esquecimento foi o processo chamado de pilouro, que consistia em um sorteio para estabelecer os responsáveis pelas tarefas da festa, como: a levada da bandeira na procissão, a carregada da imagem do Espírito Santo durante a procissão e a carregada do mastro também na procissão. As duas primeiras pessoas sorteadas serão responsáveis uma por ser o juiz do mastro e a outra o juiz da bandeira, ou seja, as pessoas responsáveis, respectivamente, pela pintura do mastro e pela confecção da bandeira da festividade no ano seguinte da festividade. Dona Enilda explica porque este ritual perdeu sua função na festividade:

Você sabe que tem pessoas que estão ali de vaidade né, de influência, querendo participar, querendo conhecer, mas a fé ela é diferente em algumas pessoas, tem a fé assim só de participar, só do momento é legal mesmo, tudo bem. Mas ela não tá com aquela religiosidade dentro do peito, com aquela fé, com aquela coisa. E outros estão assim muito forte, e foi exatamente por isso que nós paramos o pilouro que muitas vezes caía o nome de alguém que não tava com toda essa vontade e de repente tinha alguém que ficava “poxa vida, eu queria” e tudo e houve também tempo que algumas pessoas falharam, se comprometeram e falharam, deixando acarretar muito aquele problema pra gente no final. Então, devido a isso, agora é quem quiser, “você quer?” “Quero” “Então me dê o eu nome e você fica”. Ai a pessoa vai lá e procura pegar a bandeira, vai no mastro também (ENTREVISTA, 03 jun. 2018).

Neste outro relato, de mudança na tradição da festa, percebe-se que os motivos que levaram a mudança do processo não foram externos como no caso do morteiro. Caracteriza-se por ser um motivo interno, em que a comunidade envolvida na organização da festa verificou a perda do significado deste processo de sorteio e alterou a forma como se elege os envolvidos nas tarefas da procissão.

Diante dos exemplos narrados pelas irmãs, compreende-se que as transformações ocorridas na tradição se dão de maneira tranquila e natural por meio da seleção daquilo que ainda carrega sentido e daquilo que não faz mais tanto sentido. De tal modo, muitas coisas envolvendo os rituais permanecem, outras se transformam e outras são esquecidas. Em outras palavras, entende-se que apesar de ser uma Festividade Tradicional ela encontra-se em movimento de perpetuação e transformação a cada ano.

2. O saber poético na ladainha

Dentre os vários rituais realizados no decorrer da festividade: levantamento do mastro; novenas; almoço dos inocentes; derrubada do mastro; e, procissão; há a chamada ladainha tradicional, que é rezada desde o primeiro ano da festividade. Sendo que a ladainha rezada é a ladainha de Nossa Senhora - toda em latim.

Na prática de cantar ladainha, considerada aqui como educativa, visto que nela os sujeitos aprendem uns com os outros, por meio da oralidade, há saberes como: musicais, poéticos e religiosos. Nesse texto, optou-se por dar ênfase ao saber poético, que está presente neste ritual por meio sobretudo da performance.

“A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida” (ZUMTHOR, 2010, p. 31). Assim Zumthor (2007), mostra que na performance estão envolvidas transmissão e recepção. E que tudo isso implica em competência, afinal esta é único modo vivo de comunicação poética é a performance.

Contudo, antes da análise, cabe aqui um questionamento: em que a poesia se relaciona com as ladainhas? O fato é que “entre um ‘ritual’ no sentido religioso estrito e um poema oral poderíamos avançar, dizendo que a diferença é apenas de presença ou ausência do sagrado” (ZUMTHOR, 2007, p. 45). Desse modo, percebemos que o uso de tais conceitos se aplica de modo coerente com a pesquisa aqui proposta.

Segundo Fernandes et al. (2012), a primeira interconexão entre poesia oralidade e religiosidade tem a ver com a dupla dimensão da religiosidade. A fim de demonstrar sua existência, Durkheim acredita que o fenômeno religioso é constituído de conceitos e práticas, ou seja, concepções espontâneas e teologias, assim como os ritos e performances, respectivamente. De tal modo, mostra que “temos uma tendência a valorizar a produção de conceitos religiosos, especialmente quando assumem uma forma sistemática e escrita. Por outro lado, tendemos a desprezar suas expressões orais, ritualísticas e performáticas”. (FERNANDES et al., 2012, p. 10). Logo, as ideias de ambos os autores corroboram a pesquisa proposta neste texto, demonstrando sua importância, portanto, justificando-a.

Todas as noites, após rezarem a novena a ladainha era cantada. Uma observação equivocada do ritual poderia compreendê-lo como uma simples leitura da oração, já que das seis senhoras metade estava com a oração escrita na mão, para que a memória não as deixasse

errar a letra, segundo as mesmas; tanto que somente algumas vezes as senhoras mais velhas recorriam ao papel.

No entanto, aquele era um momento único, no qual o percebia-se a fé transbordar de maneira muito tranquila do corpo daquelas rezadoras de ladainhas. Os corpos delas permaneciam em movimentos lentos, quase que parando; movendo-se só com a vibração da voz. A voz por sua vez alternava-se em timbres, ora era muito alto, ora mais baixo; e primeira e segunda voz acompanhavam essa alternância. O que de certa forma pulsava em todos que ali estavam presentes, mesmo que a maioria não possuísse ideia da letra completa da oração, somente da parte que se repete constantemente *ora pro nobis*, que em português corresponde a *rogai por nós*.

O olhar delas também falava, parecia está enxergando para além do ambiente que estavam, como se estivessem em um outro plano, puramente espiritual, em que cada uma encontrava com todos as santidades evocadas na ladainha.

Enquanto as senhoras rezadoras entoavam a ladainha, os presentes acompanhavam respondendo juntamente com elas a súplica *ora pro nobis*, na mesma harmonia (*o-o-orai pro noobis*); envolvidos pelo momento mostravam um olhar sereno, no qual paz e tranquilidade davam forças para agradecer ou solicitar.

Cantar ladainha não é apenas pegar um papel com a letra e cantar, há toda uma melodia a ser seguida, uma maneira de se portar, na qual o corpo fala, o olhar fala, as pausas falam. É importante destacar que a forma como isso é feito varia de grupo para grupo, Mauês comenta que muitos rituais e costumes são pensados, equivocadamente, como universais:

Há várias manifestações culturais no plano dos costumes, das crenças, dos símbolos e em diversos outros domínios, que podem ser pensadas como universais. No entanto, elas nunca se mostram em diferentes povos e em diferentes localidades e culturas com absolutamente as mesmas características, pois é próprio da cultura e da sociedade humana, a partir de seu saber local, da maneira singular como constrói sua cultura e sociedade, mostrar especificidades (MAUÊS, 2011, p. 23).

Logo, compreende-se a prática e a performance realizada pelas rezadoras da festividade do Glorioso Espírito Santo como única, apesar de possuir características comuns à de outras comunidades possui também suas especificidades, o que a torna singular. E esta maneira é apreendida por meio da observação e da convivência com o ritual, na foto abaixo pode-se visualizar as rezadoras cantando a ladainha e uma criança com um papel sentada lendo e cantando como as senhoras.



Foto 3 – Momento da ladainha
Fonte: Acervo da pesquisa, 2018.

Considerações finais

Ao longo da observação realizada nos cinco dias da festividade do Glorioso Espírito Santo e das vozes de Dona Enilda e Dona Élide, que sustentam juntamente com a comunidade de devotos, a tradicional festividade criada pelos seus pais há 63 anos atrás, compreendi que aquele momento repleto de símbolos carrega inúmeros saberes que são apreendidos pelas pessoas de maneira quase que natural, ressaltando ainda que a memória e o esquecimento são as principais formas de manutenção da tradição desta festividade.

A festividade é de uma devoção imensa, a emoção e a fé transbordam tranquilamente nos rostos e na voz das rezadoras, que se emocionam no decorrer da ladainha cantada todas as noites. As devotas, constantemente, passeiam pelas suas memórias de outrora como se fossem lembranças do dia anterior. Ao participar da festividade senti como se tivesse voltado no tempo, não porque vivi aquele ritual em outras ocasiões, até porque nunca havia participado antes daquela festa. No entanto, viajei através das memórias das duas irmãs, que fizeram também parte das minhas memórias.

No decorrer da festa há a participação de várias pessoas, especialmente, de velhos e de crianças. Isto porque, muitos avós levam os seus netos para participarem do momento, o que proporciona aos menores um processo de ensino e aprendizagem cultural. Ao analisar este processo em que a aprendizagem se dá por meio da observação, percebe-se que essa forma de aprender, está diretamente ligada ao que Ingold (2010, p. 7), define como educação da atenção. Segundo este autor “no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção” (INGOLD, 2010, p. 7).

Enfim, compreende-se de que maneira a tradição vem se mantendo e ao mesmo tempo se transformando na festividade, por meio da seleção feita pela comunidade. Aquilo que faz sentido para eles permanecem e aquilo que já não faz sentido perde o caráter de essencial, ficando apenas na memória. É importante destacar que “a estrutura de garantia da memória e do saber do religioso popular é frágil, porque ela depende inteiramente da atividade contínua de suas redes sociais e especializadas de controle e docência” (BRANDÃO, 2007b, p. 308).

Referências

ALBERTI, VERENA. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2014.

ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007a.

_____. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU, 2007b. 3º ed

_____. **Prece e Bênção: Espiritualidades religiosas no Brasil**. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

FERNANDES, Frederico et al. Os trânsitos da voz: De experiências poéticas, religiosas e orais. In: LEITE, Fernandes Eudes; FERNANDES, Frederico (orgs.). **Trânsitos da voz: estudos de oralidade e literatura**. Londrina: EDUEL, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. Cap. I Memória Coletiva e Memória Individual (p. 29 a 56); Cap. III Memória Coletiva e o tempo (p. 95 a 136)

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/677/4943>>. Acesso em: 27 set. 2018

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular**. Revista: Norte Ciência, vol. 2, n. 1, 2011, p. 1-26.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Tradução do original de francês Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, 1997.

_____. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010